OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
Ano X - Edição 257
R$ 2 - De 11 a 17/5/2006

CONAT APROVA

NASCE A CONLUTAS

Após a votação que criou a Conlutas, delegados comemoram com uma chuva de papel picado

BOLÍVIA:

QUAL O SIGNIFICADO DA NACIONALIZAÇÃO DE EVO MORALES?

PÁGINAS 10 E 11

NO LUCRO - *Marco Aurélio Garcia, assessor de Lula para assuntos internacionais, disse uma verdade em reunião no Planalto sobre a crise do gás: "A Petrobras já ganhou muito na Bolívia".*

PÁGINA DOIS

BRADESCO - *O maior banco privado do país lucrou R$ 1,5 bilhão nos três meses de 2006, ou seja, 27% maior do que o obtido no mesmo período em 2005. Uma velha rotina do governo Lula.*

ELE QUER VOLTAR

O ex-ministro Antonio Palocci quer voltar à vida política. Nas prévias que o PT realizou em São Paulo, o ex-ministro gostaria de ser aclamado como candidato a deputado federal. Nada estranho esse comportamento. Afinal, uma das maneiras mais simples de fugir da punição da Justiça é a eleição para um cargo parlamentar.

NA SURDINA

A mesa da Câmara dos Deputados aprovou (debaixo dos panos) uma resolução que reconhece o "teto constitucional". O efeito prático da medida pode ser a elevação dos salários dos parlamentares, dos atuais R$ 12, 8 mil para mais de R$ 24 mil. O presidente da Câmara, entretanto, pediu para que os deputados "agüentem" até as eleições.

SANGUESSUGAS

A Polícia Federal denunciou a Operação Sanguessuga, onde deputados fraudavam a aquisição de ambulâncias com verbas orçamentárias destinadas à Saúde. Três parlamentares que integram a Mesa Diretora da Câmara foram acusados.

CHARGE / *AROEIRA*

COITADIM DO PALOCCI! ATINGIU A...
AUTO-INSUFICIÊNCIA

PÉROLA

"Quem mandava? Quem mandava era Lula, Genoino, Mercadante e Zé Dirceu"

SÍLVIO PEREIRA, *ex-secretário-geral do PT, em entrevista para O Globo*

ELE ESTÁ DESCONTROLADO

Sílvio Pereira, o Silvinho 'Land Rover', tentou impedir a publicação de sua bombástica entrevista no jornal O Globo. 'Vão me matar. Eles vão me matar', disse à jornalista que o entrevistava. Nervoso, Silvinho perdeu o controle e passou a se auto-agredir e a destruir os móveis de seu próprio apartamento.

CARA-DE-PAU

Funcionários do deputado João Paulo Cunha (PT-SP) distribuíram um jornal do mandato do parlamentar durante as prévias do PT em São Paulo. Um dos trechos enaltece o passado "ético" do deputado. Segundo o texto: "A expressiva votação e apoios recebidos por João Paulo num plenário com alto quórum de 483 deputados estão associados ao fato de ter provado sua inocência diante das acusações caluniosas, e também de ser uma liderança política respeitada por uma carreira de quase 30 anos em defesa da democracia, da ética, da transparência e participação popular".

MARXISMO

Entre os dias 15 e 18 de maio, será realizado o Ciclo de Teoria e História do Marxismo. O local será o auditório da IFCH, da Unicamp, com entrada gratuita. Entres os palestrantes estarão Zé Maria e João Ricardo Soares, da direção do **PSTU**, *e Alejandro Iturbe, da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT). Confira a programação no Portal do PSTU.*

VOLKS ANUNCIA DEMISSÃO DE QUASE SEIS MIL NO ABC

OPOSIÇÃO METALÚRGICA APRESENTA MOÇÃO NO CONAT E PEDE NACIONALIZAÇÃO DA EMPRESA

DIEGO CRUZ, da Ciranda do Conat

Uma grande farsa. Desta forma a oposição à atual diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista classifica o argumento da Volkswagen para ameaçar demitir quase 6 mil trabalhadores no Brasil. Anunciado no dia 3, o plano de reestruturação prevê 5.773 demissões no país, nos próximos três anos. No início do ano, outro plano previa 20 mil demissões em todo o mundo.

A Volks põe a culpa no câmbio valorizado, que teria prejudicado as exportações da empresa. *"Os argumentos são mentirosos, pois a Volks também se beneficia com o real valorizado, importando peças mais baratas e até mesmo carros para o mercado interno. Suas vendas internas também cresceram, e o câmbio valorizado permite que a empresa remeta mais lucros para fora"*, afirma o metalúrgico da Volks de São Bernardo do Campo e diretor pela oposição, Rogério Romancini.

A estratégia da empresa é impor demissões e maior precarização aos 24,5 mil operários brasileiros. A prova é que quadruplicou seus lucros. Apesar disso, a determinação da direção da empresa é fechar uma fábrica no Brasil e terceirizar dos setores produtivos, reduzindo em 25% o custo da mão-de-obra. Um terceirizado tem salário 30% inferior ao dos demais trabalhadores.

Mesmo com lucros altíssimos, a empresa continua recebendo financiamento do BNDES. De 1995 a 2005, o banco liberou R$ 3,73 bilhões. A maior parte foi no governo Lula: R$ 1,95 bilhão nos últimos três anos.

Rogério explica que a moção apresentada pela *Oposição Metalúrgica* no Conat tem o objetivo de esclarecer a crise da Volks. Ela exige que o governo force a empresa a garantir a manutenção dos empregos. *"Caso a empresa insista nas demissões, exigimos que o governo nacionalize a empresa"*, afirmou. A moção ainda chama a unidade dos trabalhadores da Volks em todo o mundo para lutar contra mais este ataque.

O governo enfrenta um profundo desgaste na categoria. O ministro do trabalho Luiz Marinho, por exemplo, ex-diretor do sindicato, foi vaiado pelos metalúrgicos na última vez em que esteve na fábrica. Tudo isso mostra a incapacidade da atual direção de lutar contra a empresa, uma vez que eles estão intimamente relacionados.

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476 - Bela Vista - São Paulo - SP CEP 01321-010
Fax: (11) 3105-6316 e-mail: opiniao@pstu.org.br

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **PROJETO GRÁFICO** Gustavo Sixel **DIAGRAMAÇÃO** Gustavo Sixel e Mônica Blasi **REVISÃO** Marisa Carvalho **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 3105-6316 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010 - (11) 3105-6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua A-41, Quadra B5, 258
Bairro Graciliano Ramos - Maceió - AL
(82)9903.1709 (81)9101.5404
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil)
(96) 3224.3499
macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36, Nazaré (71) 321-3632
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282, Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA
Rua C, Quadra C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias
www.pstu.org.br/conquista

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul - CONIC - Edifício Venâncio V, sala 506
Asa Sul - Brasília - DF
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 9244-9090
goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
uberaba@pstu.org.br
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2.519 - (91) 226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1
(91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 -
joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sl. 4

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro
niteroi@pstu.org.br
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro
novaiguacu@pstu.org.br
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE
sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243
(51) 3024-3486 / 3024-3409
ZONA NORTE - Av. Baltazar de Oliveira Garcia, 2669 Sala 205
(Esquina com Manoel Elias)
(51) 3024-3419
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696
agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
www.pstubauru.ig.com.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786
(19) 3235-2867
campinas@pstu.org.br
GUARULHOS *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2
Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica
(11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro
(12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro
(11) 4796-8630
www.pstu.org.br/altotiete
RIBEIRÃO PRETO
Rua Paraíso, 1011, Térreo - Vila Tibério (16) 3637-7242
ribeiraopreto@pstu.org.br
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279 sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro
(11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
VILA MARIA - R. Mário Galvão, 189
(12)3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vila Carvalho
(15)3211.1767
sorocaba@pstu.org.br
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

DUAS RESPOSTAS PARA A REORGANIZAÇÃO

A experiência que as massas trabalhadoras e sua vanguarda estão fazendo com o governo Lula é muito profunda. Pode não se manifestar em grandes ações de protesto neste momento. Lula pode ter o apoio eleitoral da maioria dos trabalhadores. Mas já não tem a mesma confiança, não existe mais a mesma esperança de mudar a vida pelo voto.

Perante isso, é uma obrigação dos revolucionários buscar apresentar uma alternativa que dispute a direção do movimento sindical e político, e ocupar este espaço.

O Conat, realizado no fim de semana passado em Sumaré (SP), fundou, sem dúvida, uma alternativa real de direção sindical, popular e estudantil para a luta das massas. A alegria que tomou conta dos delegados ao votar a formação da nova entidade foi uma pequena demonstração da importância que tem a Conlutas. O Opinião Socialista dedica a maioria das páginas dessa edição a este acontecimento histórico.

Neste ano também haverá eleições, que vão polarizar o país. Apesar da burguesia controlar o processo (corrompendo partidos, financiando campanhas), é preciso que os revolucionários participem, enquanto as massas ainda acreditarem nas eleições.

A participação nas eleições pode ser outra manifestação do processo de reorganização, caso exista uma aproximação real entre os candidatos e o movimento.

Por este motivo, o PSTU propôs ao PSOL, ao PCB e a outros movimentos de trabalhadores, uma frente classista e socialista.

No entanto, o PSOL está apontando para outro lado. Apesar de dizer que está a favor de uma frente, toma decisões que podem levar à não existência de uma frente classista. Sobre a nossa proposta de que o programa fosse anticapitalista e antiimperialista, eles não responderam nada até o momento. Estão discutindo duas alternativas distintas: uma perspectiva de ruptura com o capitalismo e outra de administrar a crise do capitalismo.

Além disso, o PSOL está defendendo que a frente inclua setores de partidos burgueses como o PDT, PSB e até PMDB. Isso caracterizaria uma frente popular, aliando trabalhadores e burgueses, como fez o PT.

Por último, o PSOL está impondo o nome de César Benjamin como vice de Heloísa Helena, sem nenhuma consulta aos outros partidos. César é um intelectual respeitado por sua ruptura com o governo. Mas defende um programa de administração da crise do capitalismo. Em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo, afirmou: "Nossa principal tarefa política será democratizar de fato a nossa democracia."

Isso levou o PSTU a lançar o nome de Zé Maria como candidato a vice-presidente. Entendemos que essas duas propostas de vice (o PSOL com César Benjamin e o PSTU com Zé Maria) sintetizam dois projetos distintos para a frente: um deles refazendo em nível regional a frente popular com setores do PDT e PSB, com um programa de administração do capitalismo. Outro, com um programa de ruptura, e com uma definição clara e classista da frente.

No Rio de Janeiro, no dia 16 de maio, será realizado um ato em defesa da candidatura de Zé Maria a vice. Outros atos acontecerão pelo resto do país.

OPINIÃO / *DIEGO CRUZ, da redação*

Agora é oficial: Lula sabia

Em entrevista ao jornal O Globo, Sílvio Pereira, ex-secretário-geral do PT, revelou detalhes do esquema do mensalão, articulado pelo PT com o empresário Marcos Valério e figuras chaves do governo Lula. Questionado sobre quem comandaria o esquema, o ex-dirigente petista afirmou: "Quem mandava eram Lula, Genoíno, Mercadante e Zé Dirceu".

Silvinho deixou o cargo na direção do partido após o escândalo causado pela descoberta do Land Rover que o então dirigente petista recebeu de um empresário, dono da GDK, prestadora de serviços à Petrobras.

No mês em que o escândalo do mensalão completa um ano, a entrevista de Pereira ao jornal carioca coloca Lula novamente no centro das atenções. Silvinho afirma que o esquema montado por Marcos Valério para arrecadar dinheiro à sigla tinha como objetivo captar R$ 1 bilhão. Tal esquema se utilizaria, via Banco Central, da liquidação do Banco Econômico, Banco Mercantil de Pernambuco e do Opportunity.

É A PRIMEIRA VEZ que um dirigente petista envolvido no escândalo confessa a responsabilidade de Lula

O esquema contava também com empresas ligadas a Marcos Valério e ao governo, que fraudavam processos de licitações e dirigiam recursos de emendas parlamentares.

Silvinho, no entanto, afirmou que Marcos Valério era apenas um de muitos empresários que arrecadavam recursos à legenda petista. "Há cem Marcos Valérios por trás do Marcos Valério", disse Pereira ao jornal, reafirmando que esse esquema ainda funcionava para irrigar a conta bancária do PT.

O acordo firmado pelo PT com Marcos Valério para administrar a crise dividia a culpa pelo escândalo, poupando Lula das acusações. A entrevista de Sílvio Pereira, no entanto, contesta essa tese jogando toda a responsabilidade do mensalão nas mãos de Lula, Genoíno e Zé Dirceu. Segundo Silvinho existem ainda outros partidos envolvidos no mensalão. Ele cita que o esquema de Valério remonta aos tempos em que o PSDB estava no governo.

As declarações de Silvinho comprovam que Lula não só sabia do esquema, como também era o mandachuva das operações de corrupção. Foi a primeira vez que um dirigente petista envolvido no escândalo do mensalão confessou a responsabilidade direta de Lula no esquema.

Outro aspecto que o mais novo escândalo do governo Lula ressalta é a corrupção generalizada no Estado. Sílvio Pereira afirma que "outros partidos" estão envolvidos no esquema do mensalão, sem citar quais, e que "cem Marcos Valérios" financiam os partidos e os picaretas do Congresso Nacional.

UM PASSO HISTÓRICO

FUNDAÇÃO DA CONLUTAS não é mera repetição da CUT, mas sua superação histórica

***DIEGO CRUZ**, da redação*

Às 15h33min do dia 7 de maio, os quase 3 mil delegados reunidos no Conat, em Sumaré (SP), aprovaram a fundação de uma nova entidade, oficializando a Conlutas. *"Essa é, talvez, a decisão mais importante que a classe trabalhadora tomou nas últimas décadas"*, resumiu Luís Carlos Prates, o Mancha, do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, ao defender a proposta no plenário.

De fato, a explosão de alegria dos milhares de trabalhadores e trabalhadoras após o anúncio do resultado da votação não era em vão. Os delegados sabiam do significado histórico representado por aquele gesto. Quase 25 anos após a Conferência Nacional dos Trabalhadores, o Conclat, realizado em 1981, e que iniciou a fundação da CUT, o movimento operário e social brasileiro dava um passo adiante em sua história de luta.

O CONCLAT DE 1981

O vigoroso ascenso dos trabalhadores entre o final da década de 70 e início dos anos 80 trouxe a necessidade de avançar em sua organização. Desta forma, 183 entidades sindicais lançaram um chamado à realização do Conclat. O movimento sindical combativo chocava-se contra a ditadura militar e os pelegos encastelados nas direções dos sindicatos.

Em agosto de 1981, o Conclat foi realizado em Praia Grande (SP), reunindo 1091 entidades, totalizando 5036 delegados eleitos na base. A conferência se reuniu sob bandeiras hoje totalmente negadas pela CUT, como a estabilidade no emprego, contra o desemprego e a redução da jornada de trabalho com redução de salários, e contra a política recessiva do governo e dos patrões.

O espírito de combatividade daqueles tempos foi revivido nos dias do Conat. *"Esse congresso me fez lembrar o Conclat, um momento de luta da classe trabalhadora"*, chegou a afirmar o professor da Unicamp e militante do PSOL, Ricardo Antunes.

Durante aquela conferência, os trabalhadores elegeram uma comissão pró-CUT, composta por 56 sindicalistas, que ficaria responsável por avançar na estruturação da central.

No entanto, devido à oposição dos pelegos, contrários à fundação da central e à participação das oposições sindicais nesse processo, o Conclat se dividiu.

"O Conclat foi convocado primeiramente de forma unificada, junto com os pelegos. Ele resolveu fundar a CUT, mas se abriu o debate sobre o critério das representações. Os pelegos não aceitaram a participação das oposições. Em 83, o Conclat se rompeu", explica Dirceu Travesso, dirigente da Oposição Bancária e da direção do **PSTU**. Desta forma, a CUT é fundada somente durante o Conclat de 1983.

FUNDAÇÃO DA CUT

Em 1983 o Conclat não é mais uma mera conferência, mas sim o Congresso Nacional da Classe Trabalhadora. Realizado no centro das mobilizações operárias, em São Bernardo do Campo (SP), ele reuniu 912 entidades e 5059 delegados, com expressiva participação das oposições. Contrariando os pelegos da ditadura, os trabalhadores aprovaram a fundação da CUT, que trazia no classismo a sua principal característica.

O texto de introdução às resoluções desse Conclat dá uma idéia do contexto em que a CUT foi fundada: *"Enquanto setores ligados ao capital estrangeiro acham que a saída para a crise está em aumentar a exploração dos trabalhadores (...) outros setores burgueses buscam atrair parcelas do movimento sindical, para servirem de base a um pacto social, cujo objetivo é permitir a continuidade da exploração capitalista. No momento em que os trabalhadores realizam seu congresso(...) setores do movimento sindical procuram boicotar esta iniciativa, visando dar aval a estas propostas da burguesia, traindo assim os interesses e as decisões dos trabalhadores brasileiros."*

Qualquer semelhança com os descaminhos tomados pela mesma central não é mera coincidência. No entanto, naquele momento, a fundação da central foi um evento extremamente progressivo. *"O Conclat em 83 foi expressão organizada de tudo o que se pôde potencializar durante os anos 80, a luta contra a ditadura, assim como toda a onda de greves na segunda metade da década"*, afirma Travesso.

SAIBA MAIS

OS NÚMEROS DO CONAT

529 delegações *de todo o país. Dessas, 52 foram da região Norte; 113, do Nordeste; 32, do Centro-Oeste; 236 do Sudeste; e 96 da região Sul.*

Compareceram ao congresso **2.729 delegados,** *de um total de 3.542 eleitos nas assembléias de base. Já os observadores presentes foram 235, e os convidados, 208.*

No total, estiveram em Sumaré **3.550 pessoas.**

Estavam representados **1,77 milhão** *de trabalhadores e estudantes.*

CONAT: UM PASSO ADIANTE

Na década de 90 aprofundou-se o processo de burocratização da CUT, seguindo a degeneração do PT e sua adaptação à institucionalidade. Com a eleição de Lula ao governo, a central se incorpora definitivamente ao Estado, frustrando qualquer perspectiva de retomar seu caminho de lutas. No vácuo deixado pela CUT, surgiu a Conlutas como alternativa de luta e resistência.

Surgida no Encontro Nacional Sindical, em março de 2004, a Coordenação Nacional de Lutas foi o único pólo de resistência aos ataques do governo Lula. Assim como a fundação da CUT começou com a ruptura com os pelegos e a união do sindicalismo combativo, a Conlutas se constrói e se fortalece a partir da ruptura com o velho sindicalismo governista, hoje representado principalmente pela mesma CUT.

O Conat e a decisão da fundação oficial da Conlutas, assim como o Conclat de 1983, abre um amplo horizonte para a classe trabalhadora. *"É um passo pequeno, mas histórico, na medida em que aponta um caminho para superarmos a crise de direção que vive o movimento sindical e social brasileiro"*, afirma José Maria de Almeida, o Zé Maria, da direção nacional do **PSTU**, que coordenou os trabalhos da mesa no Conat.

Apesar das semelhanças, o Conat não repete a história da CUT. O país não vive um momento de ascenso e o processo de reorganização ainda não está em seu auge. A vanguarda à frente das lutas não dispõe da mesma consciência classista dos trabalhadores que fundaram a CUT – resultado de anos de derrotas e ataques do neoliberalismo. Por outro lado, a experiência com a central chapa branca eleva essa nova experiência a um novo patamar.

"Há muita diferença com aquele momento, pois aqui se dá uma reorganização sindical, mas sem um grande ascenso, e com um retrocesso na consciência. Ao mesmo tempo, o sentimento anti-burocrático é muito forte. Tínhamos uma vanguarda mais ampla, mas cujo sentimento de combater a burocratização era menor. Se nós conseguirmos dar resposta ao problema do ceticismo, significa que a vacina anti-burocrática que nós temos é fenomenal", avalia Dirceu Travesso.

A CUT foi a expressão de uma grande onda grevista, que não existe hoje. A Conlutas pode ser essencial para preparar essa nova onda de mobilizações.

Equipe de cobertura – Ciranda do Conat: *equipe de jornalistas de sindicatos e do* **PSTU** *que realizaram a cobertura do Conat: Marisa Carvalho, Jocilene Chagas, Diego Cruz, Ana Cristina Silva, Rodrigo Correia, Roberto Barros, Carlos Eduardo Batista, Lívia Furtado, Douglas Dias, Luciana Candido, Yara Fernandes, Jeferson Choma, Gustavo Sixel e Rogério Castro.*

UMA ENTIDADE PARA A LUTA DE TODOS OS TRABALHADORES

ENTIDADE expressará o atual momento do processo de reorganização

O Conat deu um importante passo na construção de uma alternativa à CUT e às demais centrais governistas. Definiu que a Conlutas não será apenas um aglomerado de entidades, mas uma organização própria, com programa, princípios e estatuto.

A Conlutas, agora oficializada como entidade, não será uma mera tentativa de reeditar a CUT. Não apenas pela experiência com a burocratização da central, mas também por incorporar em seu interior todos os setores explorados e oprimidos da sociedade. A nova entidade reunirá também os movimentos sociais e populares, do campo e da cidade, além de organizações da juventude e dos setores oprimidos, como as entidades que organizam os negros, mulheres e homossexuais.

CONCEPÇÃO E CARÁTER

A primeira batalha na plenária final do Conat foi aprovar a fundação de uma nova entidade. De um lado, a proposta da Federação Democrática dos Metalúrgicos de Minas e do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, de fundar a Conlutas como entidade. De outro, a proposta de manter a coordenação como está, defendida principalmente pelo Andes.

"É preciso fortalecer a estrutura que já estamos construindo", defendeu Zé Maria, falando em nome da Federação. A quase totalidade da plenária aprovou a fundação da Conlutas, um dos momentos mais emocionantes do Conat.

Isso mostrou o erro de setores contra a fundação da Conlutas. Apenas um grupo pequeno, menos de dez delegados, votou contra a fundação, defendendo que a Conlutas fosse uma "fração revolucionária da CUT", ou seja, que voltasse à CUT.

Após quase 10 minutos de comemoração pela fundação da Conlutas, os quase 3 mil delegados discutiram o caráter dessa nova entidade. Mais polêmico que o tema anterior, essa discussão teve seis propostas: definir a Conlutas como uma "fração revolucionária da CUT"; constituir a nova entidade com um caráter mais amplo, incorporando movimentos sociais, setores não-organizados da classe trabalhadora e entidades do movimento estudantil; definir a Conlutas como central de trabalhadores; criar a "Cocep" (Central Operária, Camponesa, Estudantil e Popular); definir uma central de tipo soviética; fundar a Conlutas como central sindical.

Enquanto algumas propostas defendiam a formalização de uma nova central sindical, ignorando os movimentos sociais e populares que estiveram à frente das principais lutas nos últimos anos, outras representavam um grave retrocesso, como voltar para a CUT como uma fração.

Os delegados do Conat aprovaram com mais de 90% dos votos a formação de uma nova entidade que incorpore as lutas dos trabalhadores em todos os seus aspectos.

Esta nova entidade não só vai manter e reafirmar sua ruptura definitiva com a CUT, como também impulsionar as oposições sindicais de luta em entidades que ainda estiverem com a central. Desta forma, a Conlutas se tornará numa inédita experiência dos trabalhadores do país, ao reunir lado a lado os ativistas do campo e da cidade, empregados e desempregados.

Logo em seguida, os delegados votaram a composição da direção da Conlutas. Apenas duas propostas polarizaram os debates. Uma defendia a eleição de uma diretoria com mandato fixo, a outra propunha que a direção da entidade continuasse a ser exercida pelas entidades, ainda sem mandato fixo. Os delegados aprovaram essa resolução, mantendo a direção da Conlutas aberta à participação de outros setores que ainda não estão em seu interior. *"É preciso trazer para essa nova entidade mais movimentos sociais, desempregados, e tentar ganhar os sindicatos que ainda estão com os pelegos para a luta"*, afirmou Zé Maria.

UMA QUESTÃO DE PRINCÍPIOS

Uma entidade pode ter a mais ampla democracia e o melhor programa. No entanto, será tudo em vão se sua ação não for orientada por rígidos princípios. Por isso o Conat definiu os principais princípios que ditarão os rumos da Conlutas.

A coordenação terá como *"objetivo lutar em defesa dos interesses históricos da classe trabalhadora: o fim de toda forma de exploração e opressão, na perspectiva de uma sociedade socialista, governada pelos próprios trabalhadores"*, como está no artigo 4º do estatuto.

Além de se definir claramente como socialista, a Conlutas será independente política, financeira e administrativamente da burguesia, dos governos e do Estado. Terá também como método de ação privilegiado a ação direta, sem desprezar outras formas de atuação, como o parlamento ou a luta jurídica.

A Conlutas terá o internacionalismo como princípio, defendendo as lutas dos trabalhadores em todo o mundo.

ESTATUTOS

Já ao final, os delegados aprovaram o estatuto em bloco, tal como publicado no Caderno de Subsídios ao Debate, editado pela coordenação nacional. Os destaques ao estatuto serão publicados com o Caderno de Resoluções, para amplo debate. O estatuto definitivo será aprovado no I Congresso da Conlutas.

"A fundação da Conlutas é uma experiência inesquecível. Tenho fé que esta organização classista será uma referência para a América Latina e realmente expresse o conjunto de aspirações do povo brasileiro e sua tradição proletária e de luta".
Célia Hart, ativista e intelectual cubana

"Toda articulação de trabalhadores e trabalhadoras para construir movimentos sociais firmes, independentes das estruturas dos partidos e dos aparelhos do Estado é sempre muito importante para as lutas da classe trabalhadora".
Heloísa Helena, do PSOL

"Um grande desafio da Conlutas é organizar os milhões não-organizados. Em todo o mundo, os marginalizados estão na vanguarda das lutas. Na Argentina, os piqueteiros; na França e nos EUA, os imigrantes".
James Petras, marxista norte-americano

"O século 21 tem que ser o século dos sindicatos dos trabalhadores e trabalhadoras, dos movimentos sociais, do conjunto da classe trabalhadora. O século que recoloque na história a pauta do socialismo. A Conlutas pode fazer isso, porque tem o sentimento da base".
Ricardo Antunes, sociólogo

"As pessoas que estão aqui prestam atenção e sabem quando votar e no que votar. (...) Vejo um acalorado debate, tudo de acordo com a cultura da democracia operária. Realmente estou muito impressionado, na Rússia não se vê isso hoje."
Mikhail Ostrovski, convidado russo ao Conat, trabalhador gráfico e estudante

"Todo mundo aqui sabe o que está fazendo, é um salto de qualidade para o debate político"
Gabriel Simeone, militante do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto)

PAINEL DEBATE SITUAÇÃO NACIONAL E PROBLEMAS MUNDIAIS

O painel "Conjuntura nacional e internacional: desafios para a organização dos trabalhadores" foi realizado no primeiro dia do Conat e serviu para subsidiar as discussões sobre esse tema nos grupos de trabalho.

Para debater a situação nacional e do mundo, foram convidados o sociólogo norte-americano James Petras, o historiador e militante do **PSTU** Valério Arcary, a auditora-fiscal da Receita Federal Maria Lúcia Fattorelli e o sociólogo e membro do PSOL Ricardo Antunes.

James Petras comentou a falência das eleições como forma de mudar a vida dos trabalhadores no mundo e os desafios da reorganização, que passa pelos setores não sindicalizados e desempregados, dos movimentos sociais e culturais.

Petras também explicou o papel do Conat e da Conlutas nesse desafio, dizendo que o mais importante do congresso *"é formar um plano de lutas, criar um programa concreto que avance na luta social"*.

Logo após a fala do norte-americano, foi a vez de Ricardo Antunes discursar. Para o sociólogo, o governo Lula representa uma vitória do imperialismo. Para se contrapor a esse governo e derrotar as mudanças impostas pelo neoliberalismo no mundo do trabalho a partir da década de 90, a Conlutas tem como tarefa principal organizar as novas categorias de trabalhadores. *"Temos que pensar hoje não no sindicato tradicional, vertical, mas num sindicato de classe, que incorpore os trabalhadores industriais, dos serviços, os desempregados"*, disse.

Apresentando slides com números e gráficos, Fatorelli explicou como o pagamento da dívida externa é prejudicial aos trabalhadores. Disse que o dinheiro do orçamento público pára no bolso do FMI, causando a falta de verbas para as áreas sociais. Além disso, a dívida subordina o país aos interesses do FMI e da burguesia internacional. Fatorelli disse ainda que a dívida já foi paga várias vezes e nunca vai acabar.

Por fim, Valério Arcary falou sobre as *"quatro grandes lições dos cinco primeiros anos do século 21"*. Entre elas, a de que *"o capitalismo só pode existir com uma ofensiva reacionária sobre os povos e os trabalhadores"*. Na opinião dele, essa ofensiva desperta as massas e provoca revoluções em todo o mundo.

Valério rejeitou saídas por dentro do capitalismo, apresentadas por governo como os de Evo Morales (Bolívia) e Hugo Chávez (Venezuela). Ele também destacou a experiência das massas com a democracia dos ricos, dizendo que o PT e a CUT se adaptaram à institucionalidade e passaram a defender os interesses dos patrões. Falou ainda sobre a necessidade de criar instrumentos de luta dos trabalhadores para a superação do capitalismo.

DEBATE SOBRE OS DESAFIOS E A COMPOSIÇÃO DA CONLUTAS

Uma entidade que deve reunir os movimentos sociais, a juventude e todos os setores oprimidos da classe trabalhadora. A defesa deste caráter amplo foi unânime entre os expositores do painel *"A Conlutas, a amplitude de sua composição e os desafios da sua construção"*.

Realizado na tarde do dia 6, o painel contou com Zé Maria de Almeida, da coordenação da Conlutas; Soraya Menezes, da Associação Lésbica de Minas Gerais; Elias José Alfredo, do Movimento Negro Unificado do Rio de Janeiro; João Batista, do Movimento Terra, Trabalho e Liberdade (MTL); e Leandro Soto, da Coordenação Nacional de Luta dos Estudantes.

Zé Maria defendeu que o Conat deve transformar a Conlutas em entidade para dar um passo adiante frente aos novos desafios do movimento – Super-Simples, reforma sindical e trabalhista etc. *"É preciso fortalecer a estrutura que estamos construindo"*, disse.

Soraya falou sobre dois setores oprimidos da sociedade: mulheres e homossexuais. Propôs a formação de uma comissão de mulheres para encaminhar a luta contra a opressão e defendeu que um encontro nacional seja realizado.

Os movimentos de luta pelas reformas agrária e urbana foram representados por João Batista, que reafirmou o potencial de luta da massa de excluídos além dos sindicatos, e defendeu sua inclusão na Conlutas. Disse ainda que outra tarefa é trazer os companheiros do MST para o campo da luta, rompendo definitivamente com o governo.

Elias disse que o movimento sindical sempre se interessou pouco pela questão racial. Para ele, a Conlutas significaria a possibilidade de construir uma nova referência nesta luta. *"Aceitamos o convite para o Conat por acreditarmos que a Conlutas pode ser um novo aliado nessa trincheira"*, disse.

Finalizando, Soto comunicou que o Encontro Nacional de Estudantes, no dia 4, havia votado por ampla maioria a adesão à Conlutas. Ele afirmou ainda que a juventude estará com os trabalhadores na construção da Conlutas.

'A CONLUTAS É PRA AÇÃO, ESTÁ SURGINDO UMA NOVA DIREÇÃO'

NOS DIAS 6 E 7 foram realizadas as plenárias do Conat que definiram as posições sobre a conjuntura internacional e nacional. Logo após, os delegados debateram a construção de um plano de lutas que será impulsionado pela nova entidade. Todos os temas do Conat forma debatidos em grupos de discussão, o que garantiu democracia e debates de qualidade. Muitos companheiros colocaram suas diferenças e todas as propostas foram discutidas antes de passar por votações. Ao contrário dos fóruns burocratizados da CUT, cada trabalhador ou estudante teve a oportunidade de apresentar sua posição e defendê-la. As propostas que alcançaram 10% dos votos nos grupos foram levadas ao plenário. Seguem abaixo as principais resoluções sobre conjuntura internacional e nacional, as campanhas e os planos de lutas.

FOTOS AGÊNCIA CROMAFOTO

A plenária sobre conjuntura internacional votou importantes resoluções. Dentre elas, o repúdio à Área de Livre Comércio das Américas (Alca), aos Tratados de Livre Comércio e demais blocos econômicos, ao Plano Colômbia e à militarização da América Latina pelo imperialismo norte-americano. Também foi aprovado exigir do governo Lula a realização de um plebiscito oficial sobre a Alca.

Sobre a Bolívia, foi aprovada uma resolução defendendo a luta do povo boliviano e a nacionalização sem indenização dos hidrocarbonetos (derivados de gás e petróleo) no país, sob o controle dos trabalhadores, bem como a nacionalização de outros recursos naturais.

Sobre o Haiti foi aprovada uma resolução que exige a retirada imediata das tropas brasileiras e da ONU do país, em defesa da autodeterminação do povo haitiano.

Os delegados também votaram a realização de uma campanha pela retirada imediata das tropas dos EUA do Iraque e a incorporação da Coordenação Nacional da Conlutas na campanha internacional contra a guerra, além do apoio incondicional à resistência iraquiana.

Ao final dessas votações, o plenário cantou: *"Fora já, fora já daqui, Bush do Iraque e Lula do Haiti"*.

CONJUNTURA NACIONAL

Durante a plenária que debateu conjuntura foi realizado um balanço do governo Lula. A imensa maioria dos delegados avaliaram que o governo petista não só manteve como aprofundou o mesmo plano econômico neoliberal de FHC, a serviço do grande capital, dos banqueiros e das grandes empresas multinacionais.

Lula continuou pagando a dívida externa e interna religiosamente aos especuladores internacionais. Além disso, repete o governo do PSDB também no terreno da corrupção, como ficou claro no escândalo do mensalão. Para livrar a cara dos picaretas, fez um grande acordo com a oposição de direita e juntos promovem a pizza no Congresso.

NEM LULA NEM ALCKMIN!

Por outro lado, os delegados do Conat reafirmaram que não é possível depositar nenhuma confiança na oposição de direita, PSDB-PFL.

Caso ganhe as eleições, Alckmin manterá o projeto neoliberal aplicado por Lula. Seu governo será um "chuchuzinho" para banqueiros e empresários, mas para os trabalhadores será bem difícil de engolir.

Por isso tudo, os delegados do Conat aprovaram um plano de lutas e campanhas em defesa de seus direitos e contra os planos neoliberais.

Sobre as eleições de outubro, embora a posição sobre a necessidade de construir uma frente classista, de esquerda e socialista entre PSOL, PSTU e PCB, fosse amplamente majoritária, o congresso decidiu não se posicionar, tendo em vista que a Conlutas recém estava sendo transformada numa entidade. E também porque este debate não foi suficientemente feito na base.

PLANOS DE LUTAS E CAMPANHAS

O eixo principal do plano de lutas da coordenação deverá ser a batalha contra as reformas sindical e trabalhista. A primeira luta será para barrar o Super-Simples, projeto que antecipa a reforma e que está em tramitação no Congresso Nacional. Sua aprovação significará o fim de direitos históricos para a maior parte da classe.

Outras resoluções muito importantes foram aprovadas, como a unificação das campanhas salariais pela base das categorias. É possível lutar pela unificação das campanhas do setor de petróleo, correios, bancários, metalúrgicos, químicos, além das lutas do funcionalismo. Também foi aprovada a solidariedade às greves, e a coordenação das lutas das categorias integradas à Conlutas.

Além disso, é muito importante a combinação das diversas campanhas salariais e lutas específicas com as gerais da Conlutas, como a anulação da reforma da Previdência e contra a dívida.

A luta contra o pagamento das dívidas externa e interna também foi aprovada. Será lançada uma campanha exigindo a imediata suspensão do pagamento dessas dívidas e sua auditoria. Foi editada uma cartilha que será amplamente distribuída nas categorias, movimentos, comunidades, etc, para disseminar a discussão sobre o assunto e preparar em cada estado o processo de mobilização para a primeira semana de setembro.

Também foi aprovada a intensificação da campanha pela anulação da reforma da Previdência, realizada em 2003 pelo governo e pelo Congresso do mensalão, e a preparação da campanha contra a nova reforma prevista para 2007, caso Lula vença as eleições.

Curtas

EPOPÉIA PERNAMBUCANA

A delegação de Pernambuco levou três dias até Sumaré. O ônibus quebrou no interior de Alagoas, sete horas após deixar Recife. A fome começou a bater e, sem nada por perto, o jeito foi improvisar um lanche, repartindo o que cada um havia levado. Mais tarde, o grupo convenceu um caminhoneiro (com R$ 20) a levar as 62 pessoas até a cidade mais próxima, onde conseguiram um lugar para dormir. Ao todo, foram 18 horas parados, o que não impediu, e até motivou, um bloco pelas ruas do alojamento, à noite.

FRIO

O vento forte e a temperatura baixa assustaram os delegados. Na noite de quinta-feira, centenas de estudantes acompanharam o ENE enrolados em casacos e cobertores. Nos dias seguintes as cenas se repetiram. Havia desprevenidos como a mineira Maria de Fátima, do acampamento Santa Vitória: "Minha precaução contra o frio foi essa", enquanto apontava uma blusa de lã fina.

A temperatura ainda gerou cenas inusitadas, como a do jovem Mikhail Ostrovski, da delegação russa. Acostumado ao inverno rigoroso de seu país, Mikhail tremia de frio enquanto perguntava: "Mas o Brasil não é um país tropical?".

DE CASA

Os debates do Conat foram transmitidos ao vivo, pelo portal da Conlutas, desde as 14h da sexta-feira. Havia 80 pessoas, em média, acompanhando a transmissão ao mesmo tempo. Ao todo, calcula-se que duas mil tenham visto o Conat pelo computador. Júlio César de Oliveira, bancário de Ribeirão Preto, disse: "Estou triste por não ter ido, mas aqui do meu sofá vejo tudo, é como se estivesse lá, dá até vontade de opinar".

O congresso foi visto até em outros países. O petroleiro Eduardo Henrique, do Rio de Janeiro, recebeu um telefonema entusiasmado de um amigo brasileiro que está morando na Inglaterra, que estava assistindo de lá.

POR ONDE COMEÇA O NOVO MOVIMENTO ESTUDANTIL

ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES (ENE) aprovou campanha por mais verbas e filiação à Conlutas. Congresso em 2007 pode formar uma nova entidade, alternativa à UNE

THIAGO HASTENREITER,
da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU

Apesar do frio em Sumaré (SP), o Encontro Nacional de Estudantes pegou fogo e abriu caminho para uma nova cultura de movimento estudantil.

Mais de 800 estudantes e 200 entidades representativas, entre elas as executivas de curso de letras, Pedagogia e medicina, marcaram presença e debateram nos grupos de discussão temas relacionados à conjuntura nacional e internacional, educação, organização e opressões, resgatando a democracia tão esquecida pelos fóruns da UNE.

A pluralidade de idéias se expressou com a apresentação de nove teses, dando ao plenário a oportunidade de conhecer diferentes concepções e elaborar novas propostas.

Diante dos sucessivos cortes no orçamento da educação, que somente em 2006 alcançaram a ordem de R$ 1,6 bilhão, tornando insustentável o funcionamento de escolas e universidades, o ENE aprovou por uma campanha por mais verbas. *"Não pago, não pagaria, educação não é mercadoria!"*, cantaram euforicamente os estudantes, após a votação.

Outra questão abordada com profundidade pelo ENE foi acerca do funcionamento da Conlute. A opção feita na plenária final foi de fortalecê-la como uma coordenação de entidades independentes do governo, por entender que os CAs, DCEs, executivas e grêmios estão no dia-a-dia dos estudantes e podem cumprir o papel de resgatar a representatividade do movimento.

Ao anoitecer, o encontro foi animado por um show de maracatu organizado por estudantes da USP, que contagiou a todos e renovou a energia dos participantes.

Em contraposição ao arcaico presidencialismo da UNE, foi eleito um colegiado nacional que será responsável pelo andamento cotidiano da Conlute, o intercâmbio de informações entre as entidades, a organização de campanhas de solidariedade e apoio às diferentes lutas estudantis, sindicais e populares, a impressão e distribuição de materiais, a relação com a imprensa, a organização e arrecadação de finanças.

O momento de maior emoção do ENE ficou reservado para o final. Partindo da compreensão de que a UNE optou por um caminho sem volta, e que a dispersão do movimento estudantil deve ser superada e a unidade reconstruída, o plenário deliberou pela realização de um Congresso Nacional de Estudantes no segundo semestre de 2007. Em outras palavras, está colocada para o ano que vem a possibilidade de fundação de uma nova entidade estudantil no Brasil.

Retomando o melhor da tradição da aliança operário-estudantil, o ENE, ainda sob influência dos ventos vindos da França, não teve dúvida e filiou a Conlute à Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas), e marchará ao lado dos trabalhadores contra as reformas universitária, sindical e trabalhista do governo Lula/FMI e pelo não pagamento da dívida externa.

Agora é arregaçar as mangas e escrever a história de um novo movimento estudantil.

OPRESSÃO

LUTA CONTRA OPRESSÃO ESTEVE PRESENTE NO CONAT

ANA ROSA MINUTTI,
da Secretaria Nacional de Mulheres do PSTU

Machismo, homofobia e racismo foram temas de debate na mesa que discutiu concepção e programa da Conlutas e nas plenárias específicas.

Soraya Menezes, da Associação Lésbica de Minas (Alem) e do Sindicato da Saúde Privada de MG (Sindeess), falou sobre os efeitos nefastos das políticas neoliberais do governo Lula para as mulheres, da ausência de políticas públicas para os homossexuais e da prática de muitos sindicalistas que tratam estas discussões com formalidade. Ela ainda criticou o grande comércio em torno das Paradas do Orgulho Gay.

Em plenária específica foi constituída uma comissão entre as mulheres e o setor GLBT, com a tarefa de levar a discussão sobre opressões às categorias organizadas e aos movimentos sociais, construindo assim, pela base, formas de luta e organização classista.

No mesmo sentido falou o representante do Movimento Negro Unificado (MNU) do Rio de Janeiro, Elias José Alfredo, defendendo que a Conlutas seja uma nova referência na luta dos negros. Como primeiro passo o congresso votou uma comissão para organizar um encontro nacional para debater a questão racial e a organização da luta.

CRECHES

Uma das bandeiras históricas do movimento feminista é o direito de creches de boa qualidade. Não apenas para que as crianças tenham atendimento digno enquanto as mulheres trabalham ou estudam, mas também em atividades dos movimentos sociais.

É muito difícil para uma professora estar em uma assembléia que decidirá uma greve, se o sindicato não garantir uma creche, ou é impossível estar em um congresso de trabalhadores, se não houver um lugar seguro para seus filhos.

> **"É hora da Conlutas tirar essa bandeira das mãos da burguesia. De nada adianta paradas milionárias se, no dia seguinte, homossexuais continuam sendo assassinados"**
>
> SORAYA MENEZES

A creche do Conat garantiu segurança, atividades lúdicas e cuidado com as crianças, mas não só isso. Foi além e atendeu a duas reivindicações que sempre foram negadas na maioria dos congressos das categorias ou nos da CUT: atendimento a crianças de até 12 anos e em horário noturno.

A creche funcionou até as 22h, permitindo que mães e pais pudessem participar de todos os debates.

Esta nova entidade mostra na prática como uma organização de trabalhadoras e trabalhadores deve colaborar para que as mulheres se formem e participem nas mesmas condições dos homens, e assim, lado a lado, lutar e vencer.

A DEMOCRACIA DO CONGRESSO E A 'DEMOCRACIA DA ULTRA'

EDUARDO ALMEIDA, da redação

Houve debates muito interessantes no Conat, com diversos setores e posições diferentes sobre distintos temas. Muitos grupos, organizações e ativistas independentes levaram suas posições ao congresso, ajudaram a formular as propostas e enriqueceram as resoluções. Assim foi com o MTL (setor do PSOL), Coletivo Pensamento Radical, Conspiração Socialista, CAS, CEDS, e outros.

Mas alguns grupos de ultra-esquerda (como o POM, a LBI e a FT) tiveram outra postura. Suas posições políticas se caracterizaram por apresentar propostas ultra-esquerdistas que, se aplicadas, levariam a Conlutas à destruição.

UMA POLÍTICA DESASTROSA

A LBI, por exemplo, em sua tese para o Conat, afirma: *"A resposta da classe trabalhadora à política burguesa da frente popular nunca rompeu o quadro 'defensivo', mesmo quando saiu à luta, como na greve geral dos servidores federais em 2003 contra a reforma da Previdência"*. Neste quadro, segundo a LBI, defensivo, eles propõem como palavra de ordem central *"Fora Lula"*, e como ação imediata a greve geral.

Na realidade, a conjuntura nacional se modificou depois da aguda crise política de 2005. O governo e a oposição burguesa conseguiram encaminhar a crise para as eleições. Apoiado nisto e na recuperação econômica, o governo recompôs inclusive sua base de apoio eleitoral. Hoje a maioria dos trabalhadores se dispõe a votar em Lula, mesmo desconfiados e sem a esperança de 2002.

Perante isso, a coordenação da Conlutas propôs um plano de lutas apoiado na unificação das campanhas salariais, e na mobilização contra a reforma trabalhista (iniciada com o Super-Simples) e o pagamento da dívida. Além disso, denunciava o governo e a oposição burguesa. Esse plano, que foi aprovado, deve fortalecer as mobilizações e a própria Conlutas.

Já a proposta da ultra-esquerda levaria a coordenação à destruição. Encaminhar uma campanha "Fora Lula" agora, quando as massas trabalhadoras, em sua maioria, se dispõem a votar em Lula, levaria a uma ruptura com elas, ao invés de ganhá-las com as campanhas salariais e a luta contra a reforma trabalhista.

Por outro lado, organizar uma greve geral em uma situação defensiva seria desastroso. Teria o mesmo resultado de um sindicato chamar uma greve quando a base não a quer: a greve não sairia, a burguesia e os pelegos da CUT se fortaleceriam, e a Conlutas sairia desmoralizada.

DESRESPEITO À DEMOCRACIA

O Conat foi um congresso extremamente democrático. Na preparação do evento, bastava que três pessoas em qualquer lugar do país votassem uma posição sobre qualquer um dos temas, para que essa proposta fosse discutida no Conat. Um caderno de roteiro dos debates foi publicado para os delegados, com todas as propostas. Nos 20 grupos de discussão, qualquer proposta com mais de 10% ia para o plenário, onde todas as posições minoritárias puderam se expressar.

Houve problemas no encaminhamento das discussões por questões de organização, e pela inexperiência da coordenação, inevitáveis em um evento desta dimensão. Esse não era um congresso normal, em que se discute a conjuntura, os planos de luta e a direção. Como se tratava de um congresso de fundação, era necessário discutir também concepção, programa, estatutos, conjuntura internacional, nacional, plano de lutas, etc.

Essa sobrecarga de discussões levou a que, nas plenárias gerais, as polêmicas fundamentais fossem priorizadas, e algumas fossem encurtadas. Tudo natural, com todos os encaminhamentos sendo votados por ampla maioria.

Mas a democracia operária não serve para a ultra-esquerda. Tentaram paralisar as atividades para desmoralizar o congresso, a coordenação da Conlutas e o **PSTU** em particular (por seu peso na coordenação).

Um dos eixos de suas intervenções era a "falta de democracia" no Conat. Com as manobras, falaram mais do que todas as outras correntes. Puderam defender suas posições contrárias em todos os pontos. Mas, para evitar a derrota, tentavam barrar as votações com seguidas questões de ordem. Depois das votações, pediam declarações de voto para atacar a "falta de democracia" (depois de terem feito intervenções!).

Seus delegados e convidados eram cerca de 60, menos de 2% dos presentes. Mas foram os que mais falaram no Conat. Ainda assim, gritavam que não lhes deixavam falar.

O resultado foi que estes grupos não ganharam ninguém para suas posições. Conseguiram apenas os votos de seus militantes, enquanto os delegados ficavam cada vez mais irritados.

Esses grupos não estão lutando por mais democracia. O que os aborrece é o fato de serem minoritários. Não aceitam que a base vote contra suas posições, que a democracia operária aconteça.

Uma cena pode resumir o resultado da intervenção destes grupos. Logo depois da aprovação da fundação da Conlutas, que emocionou muitos dos presentes, uma das representantes da ultra falou que aquela votação tinha sido "uma fraude". Levou uma sonora vaia.

É hora de fazer um balanço

Existe um setor da esquerda que quer permanecer na CUT e um outro que já rompeu com ela, mas não quer aderir à Conlutas. Esses dois setores criaram a Assembléia Popular e criticam a coordenação, por ser uma iniciativa "sectária". Dizem que seria necessário esperar a ruptura dos setores de esquerda ainda na CUT para construir uma nova entidade.

A Assembléia Popular foi organizada como alternativa à Conlutas, para ser "mais ampla" e reunir os setores que já romperam e os que não romperam com a CUT. Seus dirigentes são, em grande parte, do PSOL (partido que está dividido, com uma minoria na Conlutas).

A Assembléia, contudo, em seu segundo encontro, reuniu cerca de 200 pessoas, que não eram delegados eleitos pela base.

O Conat reuniu mais de 3.500 pessoas, uma vanguarda numerosa que discutiu democrática e intensamente por três dias.

Os números falam por si. Há ainda duas outras diferenças. O Conat votou a formação de uma nova entidade e um plano de lutas. A Assembléia não votou nada importante.

Com o fracasso da Assembléia Popular, uma parte de seus componentes propõe formar uma intersindical. Essa iniciativa teria os mesmos problemas da Assembléia, juntando os que romperam e os que não romperam com a CUT. Contudo, como construir uma alternativa à CUT, se uma parte importante segue nela?

Chamamos os companheiros a refletirem sobre o Conat, e se juntarem a nós na construção da Conlutas.

UMA VERDADEIRA NACIONALIZAÇÃO?

CANDY VARGAS, de La Paz

No dia 1º de maio de 2006, o governo de Evo Morales promulgou o Decreto Supremo nº 28.701, de nacionalização dos hidrocarbonetos (gás natural e derivados do petróleo). A notícia rodou o mundo. Por quê?

Há cerca de dez anos, as empresas transnacionais do petróleo – entre as quais a brasileira Petrobras – organizaram o roubo do gás e do petróleo do segundo país mais miserável da América Latina. De forma cínica e selvagem, sem respeitar a Constituição Nacional Boliviana, nem o meio-ambiente e, além disso, desrespeitando os direitos dos povos indígenas que vivem nas várias regiões petrolíferas do país, uma dezena de empresas internacionais exportaram milhões de metros cúbicos de gás e petróleo, sem qualquer benefício para a Bolívia.

As empresas reclamaram da medida porque seu roubo organizado seria brecado. O povo boliviano festeja, porque a nacionalização seria uma das medidas centrais pelas quais vem lutando durante os últimos três anos.

Mas de que trata a nacionalização dos hidrocarbonetos na Bolívia? Será realmente uma verdadeira nacionalização? O governo boliviano está expropriando as transnacionais, como anunciam alguns órgãos da imprensa?

UM POUCO DE HISTÓRIA

A Bolívia é o país com mais reservas de gás na América Latina, depois da Venezuela. Por isso, as transnacionais sempre se interessaram em explorar e ter o controle sobre as reservas: para garantir sua exportação a preço de banana.

Durante o século 20, o povo boliviano conseguiu duas vezes a nacionalização dos hidrocarbonetos: em 1937, depois da Guerra do Chaco*, expulsando a corporação Standard Oil Company; e em 1969, expropriando a transnacional Gulf Oil.

Essa nacionalização permitiu o fortalecimento da YPFB ("Yacimientos Petroliferos Fiscales Bolivianos"), como empresa estatal que monopolizou a produção, transporte e comercialização dos hidrocarbonetos e se transformou numa das empresas mais importantes do país, garantindo o capital necessário para a estabilização econômica nacional.

Em 1996, o governo neoliberal de Sánchez de Losada privatizou completamente os hidrocarbonetos da Bolívia e repassou a exploração, produção, transporte e distribuição dos hidrocarbonetos para as mãos das transnacionais, desmantelando a estatal YPFB.

As transnacionais assinaram – com o governo boliviano – contratos altamente prejudiciais para o país, porque lhes entregavam total controle sobre o conjunto das atividades em gás e petróleo. Certas transnacionais inclusive utilizaram o "direito" de declarar como suas as reservas do subsolo boliviano e colocá-las na Bolsa de Nova Iorque, apesar de absolutamente ilegal, segundo a Constituição Nacional Boliviana.

Em 2003, estes contratos assinados pelo governo de Sánchez de Losada foram denunciados e reconhecidos como ilegais pelo Supremo Tribunal Constitucional, por não terem sido aprovados pelo Parlamento. No entanto, as empresas transnacionais seguiram explorando ilegalmente. Os governos neoliberais anteriores não tiveram força suficiente para impor uma negociação com estas empresas, que seguiam impunes.

A NACIONALIZAÇÃO É A EXIGÊNCIA CENTRAL DA REVOLUÇÃO BOLIVIANA

Frente à pilhagem e à miséria crescentes – e à impunidade de que gozam as empresas estrangeiras no país –, cresceu uma forte consciência social sobre a necessidade de recuperar os recursos naturais em beneficio da população boliviana.

Em duas oportunidades o povo da Bolívia insurgiu-se, exigindo a nacionalização dos hidrocarbonetos, sem indenização: a revolução de outubro de 2003 conseguiu derrubar o presidente Sánchez de Losada, principal agente dessa política entreguista. As mobilizações de maio-junho de 2005 levaram à queda do presidente Carlos Mesa, por não ter mostrado vontade de realizar a nacionalização.

Durante mais de 10 meses, em 2004, foi discutida no Parlamento uma nova Lei de Hidrocarbonetos. Essa lei, de nº 3.058 – proposta majoritária do MAS (Movimiento al Socialismo, partido de Morales) –, aprovada em maio de 2005, coloca como pontos centrais:

a) 50% de impostos sobre a produção das transnacionais;

b) obrigação para as transnacionais de assinar novos contratos com o Estado;

c) prazo de seis meses para a renegociação com as transnacionais.

ESSES PONTOS NÃO FORAM APLICADOS DEPOIS DA PROCLAMAÇÃO DE TAL LEI.

Hoje a nacionalização segue sendo um tema muito sensível aos bolivianos. O povo não esqueceu os mortos de outubro de 2003 e as mobilizações de junho de 2005, quando centenas de milhares de pessoas estiveram nas ruas, exigindo a nacionalização. E disso Morales sabe. Por um lado, existe muita expectativa da população face ao novo governo, mas, por outro, tem que cumprir o prometido. Caso contrário, o povo pode voltar às ruas para exigir tais mudanças.

A REAÇÃO DAS TRANSNACIONAIS E DO IMPERIALISMO

A nacionalização foi notícia destacada, e duramente criticada, na imprensa internacional.

O anúncio da medida teve tal impacto porque o grande capital está preocupado com a possibilidade de mudanças nas regras do jogo que quer impor o governo Morales: nos impostos a serem pagos, nos preços do gás – ainda que nada esteja já anunciado sobre isso –, e mudanças na porcentagem de ações nas mãos do Estado.

Volta ao primeiro plano a questão da nacionalização. Fala-se de outras nacionalizações possíveis. E Morales chama à vigília do povo para o cumprimento da medida! Por tudo isso, as transnacionais estão furiosas. Inclusive, a Petrobras ameaça levar o caso diante dos tribunais internacionais e painéis arbitrais de Nova Iorque.

O QUE QUER DIZER "NACIONALIZAÇÃO"?

Trata-se da recuperação da propriedade e do controle por parte do Estado, sobre um recurso natural ou uma empresa, para ser explorado por uma empresa estatal e seus benefícios serem diretamente geridos e controlados pelo Estado. Os socialistas lutam pela nacionalização com expropriação das transnacionais, sem indenização para as transnacionais, que já vêm roubando durante anos a fio os recursos do país.

AS ARMADILHAS DO DECRETO DE NACIONALIZAÇÃO DE EVO MORALES

O artigo 1º diz: *"O Estado recupera a propriedade, a posse e o controle total e absoluto destes recursos"*. Mas o Decreto Supremo não promulga a expropriação das transnacionais e seus bens. Como recuperar, então, o controle? Renegociando os contratos com as empresas?

O Decreto prevê um prazo de seis meses para renegociar com as transnacionais (art. 3º). No entanto, é preciso mencionar que se trata da terceira vez que um governo boliviano dá seis meses de prazo às transnacionais para regularizar sua situação, mediante a assinatura de novos contratos, que terão de ser negociados...

Durante o período de negociação, está previsto que para os dois maiores campos de exploração localizados ao sul do país, província de Tarija, que são explorados pela Petrobras, o Estado recupere em impostos 82% do valor da produção para o Estado boliviano e só 18% para as transnacionais. (art. 4.1).

Mas para os menores campos de exploração – a maioria das jazidas – permanecerá a atual distribuição (ou seja, 18%).

O MAS de Evo Morales só propõe uma participação acionária majoritária do Estado (50 % + 1) na empresa a cargo da produção e comercialização do gás da YPFB. Não ratifica o monopólio da YPFB sobre o conjunto da cadeia produtiva, que foi a força da empresa estatal no passado.

Finalmente, o Decreto não é claro enquanto à possível indenização às transnacionais por recuperar parte de suas ações. O artigo 4 assinala que *"se determinará mediante auditorias a retribuição ou participação correspondente às companhias nos contratos a serem firmados."*

De fato, este decreto repete vários temas já previstos na Lei 3.058, do ano passado, e que não foram aplicados.

OS OBJETIVOS OCULTOS DESTA MEDIDA

Evo Morales e o MAS têm dois objetivos ocultos: pressionar as transnacionais para negociar em melhores condições os futuros preços de gás, e retirar a questão da nacionalização da discussão da Assembléia Constituinte, que se iniciará em agosto deste ano.

A Constituinte era outra grande reivindicação das organizações camponesas e indígenas durante as mobilizações de 2003 e 2005. Com esta medida, as organizações têm a esperança de poder mudar o país, "refundar" a Bolívia sobre novas bases. E ter um espaço onde possam ser discutidas todas as questões importantes para o futuro da Bolívia, entre as quais, a nacionalização.

Para evitar este debate, o MAS tenta "solucionar" o problema da nacionalização antes de agosto, para que não entre na agenda de discussão da Constituinte.

Evo Morales e sua equipe realizaram um grande golpe midiático com a medida de nacionalização, justo no 1º de maio, dia internacional dos trabalhadores. Ninguém sabia que esse decreto iria sair. A "tomada pacífica" das refinarias pelo exército – com a presença do presidente – serviu para mostrar o apoio das forças armadas ao governo.

Não havia qualquer necessidade para tal medida. Afinal, contra quem é a ocupação? Bandeirolas de nacionalização foram colocadas em todos os postos de gasolina do país, uma propaganda – com os dizeres, em letras garrafais, "EVO CUMPRE" – passou durante todo o dia na televisão e outras comunicações de massas demonstraram a intenção do governo de aumentar ainda mais a popularidade do MAS e do presidente e, de fato, lançar a campanha eleitoral para a Assembléia Constituinte, cuja eleição de candidatos se realizará no dia 2 de julho.

UM PASSO ADIANTE CONTRA AS TRANSNACIONAIS

O governo de frente popular de Morales necessita mostrar ao povo que o elegeu que vai realizar as grandes mudanças prometidas. Este decreto de nacionalização, apesar de não propor a expropriação das transnacionais, pretende ser um passo para uma nova negociação com as transnacionais, pressioná-las e forçá-las a negociarem – onde realmente se decidirá a porcentagem de impostos cobrados pela exploração e exportação dos hidrocarbonetos.

PARA UMA VERDADEIRA NACIONALIZAÇÃO

Quando se quer recuperar a propriedade dos recursos naturais, não há como propor meios caminhos. O capitalismo transnacional é cruel e não quer compartilhar seus fabulosos lucros, que há anos suga da Bolívia. O capital vai dar uma dura batalha ao governo de frente popular contra as medidas adotadas. Não vai permitir negociações de igual para igual.

Em vez de negociar, o governo de Evo Morales teria que expropriar as transnacionais que exploram os hidrocarbonetos e todos seus bens, repassando tudo à YPFB, como empresa estatal, sob controle dos trabalhadores. Essa é a única maneira de garantir o que o povo boliviano reclamou nas duas revoluções dos primeiros anos do século 21: recuperar o controle sobre seus recursos naturais.

***Brasil**
Conflito armado, que teve início em junho de 1932, entre a Bolívia e o Paraguai. Tendo como uma das causas a descoberta de petróleo nos Andes. A Guerra que durou três anos, deixou um saldo de 60 mil bolivianos e 30 mil paraguaios mortos.

COMBUSTÍVEL PARA O ÓDIO NACIONALISTA

DA REDAÇÃO

O anúncio da nacionalização do gás e petróleo provocou uma satanização da mídia contra os "interesses nacionais". A Petrobras é a maior exploradora de gás na Bolívia, responsável pela maior rapina de suas riquezas.

A mídia insistiu no perigo da fuga dos "investidores internacionais", combinando imagens de Morales e motoristas comentando o "inevitável aumento da gasolina". Arnaldo Jabor, na Globo, foi mais longe. "O Evo Morales vai partir para bravatas nacional-indigenistas que isolarão a Bolívia". Veja e IstoÉ chegaram a sugerir estado de guerra.

Tal atitude nada tem a ver com "os interesses nacionais". O controle acionário da Petrobras pertence ao capital privado. Trata-se da defesa de poucos empresários que faturam alto com o gás boliviano. A população de um país que submete um povo-irmão não pode ser livre. O recurso de Lula a tribunais imperialistas contra o segundo mais pobre país do continente é absurdo. O apoio à total nacionalização do gás, sem indenização à Petrobras e outras transnacionais, é a única saída para os trabalhadores de ambos os países.

POR QUE FAZER PARTE DO PSTU?

EDUARDO ALMEIDA,
da redação

Muitos companheiros combativos acham que não é necessário entrar em um partido revolucionário. Desconfiados por todas as traições do PT, acham que basta militar nos sindicatos, que não é necessário participar de um partido revolucionário.

Nós entendemos que as lutas diretas, as greves e as ocupações são muito importantes. Mas qualquer vitória de hoje, como um reajuste salarial, é tomado pela inflação pouco depois. A única maneira de mudar de verdade o mundo é tomando o poder. E a única forma de tomar o poder é construindo um partido revolucionário com peso de massas.

Já está demonstrado, em todas as revoluções dos séculos 20 e 21, que não existe revolução socialista vitoriosa sem uma organização centralizada à sua frente.

Os partidos revolucionários, como o PSTU, se organizam para disputar o poder. A militância nas greves e mobilizações deve ter como conseqüência a elevação da consciência e organização dos trabalhadores, assim como o fortalecimento do partido revolucionário com a entrada de novos militantes.

Assim, com as lutas diretas, vão sendo criadas as condições até que, em um momento mais avançado da luta de classes, seja possível lutar pelo poder.

Um partido revolucionário é necessário também para a atuação cotidiana na luta de classes, em uma greve, por exemplo. Todos reconhecem que o papel do PSTU é muito importante para a Conlutas. E isso é verdade. Mas, é necessário que se diga que agora o inverso também é verdadeiro: para poder seguir construindo a Conlutas, é necessário que os ativistas que estão conosco nesta tarefa entrem no PSTU.

Com um partido revolucionário mais fortalecido será muito mais fácil construir a Conlutas.

CROMAFOTO

VALÉRIO ARCARY FALA PARA MAIS DE MIL

NA PALESTRA 'REFORMA OU REVOLUÇÃO', Valério afirmou que a luta sindical não basta

JEFERSON CHOMA,
de Sumaré (SP)

Na noite do dia 5, o **PSTU** realizou no Conat uma palestra sobre "Reforma e Revolução", com a presença de Valério Arcary, militante do partido. A atividade contou com mais de mil ativistas.

Em sua exposição, Arcary lembrou a importância histórica do congresso para a construção de uma alternativa de lutas para os trabalhadores e polemizou com o PT, que por anos pediu "paciência" aos trabalhadores até que Lula se torna presidente da República. *"Foi isso que fizeram enquanto o desemprego assolava as grandes cidades, quando explodia a miséria e a criminalidade, quando o Brasil tornava-se um país irreconhecível"*, declarou.

A conclusão de Valério é que a adoção de um programa que propunha a reforma do sistema capitalista levou o PT a se adaptar ao regime. Para ele, é necessário superar esse programa reformista: *"Não há saída para os problemas do Brasil no capitalismo. A disjuntiva é: ou revolução, ou colônia"*.

A democracia burguesa também não passou em branco na palestra. *"Eles (a burguesia) controlam tudo. O povo só é chamado para votar a cada dois anos, enquanto eles fazem leis contra o povo toda semana"*.

Valério defendeu que os trabalhadores devem lutar contra a democracia dos ricos e construir o poder operário e popular. *"É preciso criar novos organismos de poder, como fizeram as massas na revolução argentina. Só o poder operário e popular pode derrubar a república do capital"*, disse.

A NECESSIDADE DO PARTIDO

Em um dos momentos mais importantes da sua exposição, Valério ressaltou a importância da construção do partido revolucionário na luta pela superação do capitalismo. Na sua opinião, não basta atuar apenas nos sindicatos, limitando as lutas aos problemas econômicos da classe trabalhadora. A luta essencial é a luta política pelo poder, quer dizer, pela completa transformação da sociedade e pela construção do socialismo.

Lembrando as revoluções que tomaram conta da América Latina, Valério destacou que o principal limite delas foi a questão do poder. Para ele, nenhuma das necessidades objetivas dos trabalhadores poderá ser satisfeita se não houver a tomada do poder pelas massas em luta. *"Os trabalhadores precisam lutar pelo poder, perder o instinto do poder é perder tudo"*, disse.

Valério, entretanto, destacou que essa luta só pode ser vitoriosa se a classe trabalhadora tiver à frente um partido revolucionário e que esse é o principal problema das atuais revoluções do continente. *"Não há nenhuma experiência histórica de tomada de poder pelos trabalhadores sem a existência prévia do partido revolucionário"*, declarou.

Ao final, Arcary convidou todos os presentes a virem conhecer e construir o **PSTU**.

A presença do partido

O **PSTU** teve presença marcante no Conat. Faixas do partido foram estendidas no plenário saudando as delegações e os militantes estiveram em peso no Congresso, o que demonstra o nível de prioridade que o **PSTU** deu ao evento.

Foram distribuídos mais de 3 mil panfletos, vendidas centenas de camisetas e botons do partido, além de centenas de jornais e cartilhas de apresentação do **PSTU**.

Também foram realizadas plenárias e reuniões de apresentação do partido para vários delegados e delegadas ao Congresso. Um exemplo foi a plenária que reuniu trabalhadores da construção civil de Belém (PA), Fortaleza (CE) e Macapá (AP), com cerca de 60 pessoas.

*"Apresentamos o partido para esses companheiros. Nós acreditamos que os operários devem estar no **PSTU**"*, disse Aílson Carvalho, diretor do Sindicato da Construção Civil de Belém, que ainda anunciou a filiação de um ex-militante do PCdoB do Pará ao **PSTU**.

Outras categorias, como trabalhadores da Saúde e Metalúrgicos de Minas, também realizaram plenárias com cerca de 30 companheiros em cada uma delas.